



# ATAQUE INDIRETO — O MAIS EFICAZ

Roberto Miscow Filho

---

“O segredo da eficácia na luta contra as drogas está no reencontro dos antigos valores que serviam de sólido fundamento para as opções existenciais do homem.”

Esta é a tese defendida neste ensaio, que enfoca o mais perverso dos males com que a humanidade convive neste final de século.

---

## INTRODUÇÃO

O tema de que deveremos tratar ao longo deste ensaio está de tal modo divulgado por todos os meios de comunicação que, apesar da extrema gravidade do assunto, fica sujeito ao perigo de tornar-se banal e, por isto mesmo, não atraente para um leitor mais sério.

Apresentando o tema numa revista que se propôs desde seu início a publicar trabalhos do interesse da *defesa nacional*, frisamos nossa intenção de participar de uma “defensiva ativa” contra este silencioso e cruel inimigo da Pátria: o uso das drogas.

Para que não se julgue simples retórica a classificação de “inimigo si-

lencioso e cruel” dada ao referido vício, basta ler esta acaciana lista de males causados pelas drogas:

- a dependência física, tornando o viciado verdadeiro *escravo* do vício;
- os desatinos, os crimes mais absurdos cometidos por pessoas drogadas;
- a morte prematura de rapazes e moças que poderiam viver muitos anos de vida saudável com proveito próprio e do Brasil;
- o nascimento de bebês portadores de graves defeitos físicos oriundos do vício de seus pais;
- a disseminação da SIDA (ou AIDS, isto é, na sigla que popularizou entre nós o chamado *mal do século*);

• a conexão (mais do que comprovada) entre as drogas e o crime organizado, com todas as conseqüências já bem conhecidas, principalmente pelos que têm a má sorte de morar nas grandes cidades.

Uma leitura não apressada e refletida deste modesto rol pode mostrar que estamos de fato lidando com um “silencioso e cruel inimigo da Pátria”.

## O CONSENSO

Convém, a bem da justiça, registarmos uma circunstância feliz, algo assim como aquela atmosfera de comum preocupação e solidariedade unindo os membros de uma família no desejo de ver recuperado um ente querido que sofre de grave enfermidade. Referimo-nos ao consenso da imensa maioria da população — aí incluídos os cidadãos comuns, os políticos e as autoridades — no que toca à repulsa ao vício das drogas, à compreensão dos seus malefícios.

Raríssimas serão as vezes em que teremos escutado ou lido alguém supostamente inteligente e sensato propor aquilo que um neologismo canalha designa como “descriminização do vício”, termos estes criados pelas tolerâncias frouxas e sem caráter.

A consciência normal (entenda-se aqui *normal* como sinônimo de saudável, verdadeiro, isto é: conforme a natureza das coisas) tem uma ínsita repugnância por tudo o que significa degradação da pessoa humana.

Tal feliz circunstância, como não podia deixar de acontecer, tem favorecido iniciativas, ações que, somadas, constituem a justa reação da sociedade contra o uso das drogas.

## A REAÇÃO

Conseqüência da circunstância acima registrada, vem sendo travada em todo o mundo, incluindo o nosso País, uma luta organizada, tenaz, dura e implacável contra a produção e o tráfico de drogas.

Dispensamo-nos de incluir referências que abonem o merecido e justo elogio aos órgãos de segurança, aos diversos setores policiais e até às Forças Armadas, por essa luta desgastante, perigosa mas sem lances épicos, corajosa mas sem condecorações. Se prestarmos atenção ao noticiário dos jornais e das televisões será fácil avaliar o quanto tem sido feito no combate a esse crime hediondo, crime cujos autores revelam-se possuidores de uma audácia não só arrogante como impiedosa.

Todos os recursos modernos do sofisticado armamento portátil, dos dispositivos eletrônicos detectores de metais e de explosivos, dos ágeis transportes em helicópteros, lanchas e jipes, sem esquecer ainda o uso de animais adestrados na procura de drogas e outros objetos — tudo isto tem sido aproveitado pelos agentes do combate ao nefando crime.

Além desta ação direta que se desenvolve no próprio terreno, vasto e diversificado em que opera o ini-

migo, os governos têm-se utilizado dos meios de comunicação divulgando filmes de longa metragem, *slogans*, mensagens gravadas por pessoas famosas: jogadores de futebol, artistas, políticos, todos alertando, particularmente os jovens, sobre o perigo das drogas. É o que podemos classificar como o “setor psicológico” da guerra em pauta.

### A DESEJÁVEL EFICÁCIA

O que até agora escrevemos neste ensaio poderia estar sob o título de “introdução”.

O reconhecimento caloroso pelo muito que se fez e está se fazendo no combate ao tráfico e ao uso das drogas não nos inibe, entretanto, de apontar uma grande falha, um enorme lapso que, a nosso ver, deve ser debitado na conta de uma civilização que há quase cinco séculos partiu para a emocionante e gloriosa conquista do planeta e, agora (quem duvida?), do próprio universo, porém, no entusiasmo inevitável dessa aventura, acabou-se contagiando com o que já foi denominado: “complexo de Percival”, isto é, a perda do endereço da própria Casa.

A fim de mostrar que a proposição anterior não é uma frase sibilina, talvez devêssemos percorrer uma longa linha de causalidade através de cronologia pentassecular. Entretanto, basta-nos considerar os efeitos atuais de um processo antigo.

Temos, é verdade, gasto bilhões de dólares, temos manejado compu-

tadores e sofisticados dispositivos eletrônicos, temos exaurido o sangue, o suor e, quem sabe, até as lágrimas de homens e mulheres calejados nessa guerra sem bandeiras e sem fanfaras; temos, sem dúvida, sido razoavelmente *eficientes*. Todo o problema, entretanto, se resume em saber se estamos sendo *eficazes*.

### PERGUNTAS À ESPERA DE RESPOSTAS

Não cabe discussão sobre o fato de que a maior e mais sofrida parte das vítimas das drogas é constituída pelos jovens, rapazes e moças que, além de seu valor individual, ou seja: além de sua insubstituível e intransferível importância como *pessoas*, constituem a grande reserva de esperança de qualquer povo. Começaremos, pois, lançando aqui uma pergunta que, a nosso ver, poucas vezes tem sido feita, e bem menos vezes ainda tem sido corretamente respondida:

— *Por que os jovens usam drogas?*

Vamos apresentar resposta adotando uma lógica às avessas, mostrando antes porque é bastante compreensível o fato dos jovens desejarem usar drogas; quase como se estivéssemos perguntando:

— *Por que os jovens não deveriam usar drogas?*

Nos últimos meses, temos visto na televisão, nos jornais e revistas os inúmeros movimentos *populares* do leste europeu clamando, exigindo liberdade política. Esta liberdade lhes

foi tirada por “decreto”, melhor dizendo: foi confiscada mediante acordo firmado numa reunião de cúpula em que um reduzido número dos chamados “líderes” decidiu de modo onisciente (...) e soberano (...) sobre o destino de milhões de *pe-soas*.

Há poucos, bem poucos anos, o governo do país de um dos políticos responsáveis pelo infeliz acordo veio a público para dizer que o tal “líder” havia sido, durante décadas, um tirano sanguinário e cruel...

Considerando que o tal governante sanguinário teve o apoio bem pragmático dos outros dois “líderes” não-sanguinários na elaboração daquele decreto liberticida perguntamos:

— *Como desejar que os nossos jovens acreditem mesmo na capacidade de previsão de seus “líderes”?*

— *Será confortável para o jovem verificar que seus “líderes” são tão pragmáticos a ponto de considerarem irrelevante o fato de que várias nações civilizadas tenham passado quase meio século em regime de escravidão?*

Vamos adiante. Todos sabemos o que foi a guerra do Vietnam. Ora, em 13 de setembro de 1989, o *Jornal do Brasil* publicou um editorial sob o título *História em Movimento* analisando os recentes movimentos libertadores do leste europeu. Neste mesmo editorial, o JB comentava o fato de que bandos enormes de vietnamitas — homens, mulheres e crianças — vinham enfrentando os horrores dos temporais e dos ataques

de piratas no tormentoso mar da China para fugirem do regime imposto ao Vietnam após a retirada das tropas norte-americanas. Perguntamos:

— *Como desejar que os jovens acreditem na autenticidade dos nossos ideais?*

— *Será confortável para o jovem verificar que o cumprimento de gravíssimas promessas não constitui o forte dos políticos que as fizeram?*

Os pais de família avisados, os educadores sérios, os pensadores equilibrados sabem como é importante o hábito da leitura de livros. É um hábito que, além de desenvolver um outro, o da reflexão, põe o moço em contacto com o pensamento de outros homens que vivem ou já viveram neste mundo, homens que observaram com olhar penetrante os fatos, registrando-os muitas vezes com erudição e elegância, unindo assim o rigor da análise “científica” (no sentido lato da palavra) com a apresentação estética, ligando a verdade com a beleza.

Perguntamos:

— *Como desejar que nossos jovens se interessem pela leitura quando os meios de comunicação em vez de estimularem aquele hábito, se dedicam à vulgarização das mazelas, dos infortúnios pessoais dos homens que escreveram esses livros?*

— *E quem garante que, nessa ingloria tarefa de divulgar o sofrimento e a desgraça, esteja sendo preservada a dignidade intrínseca do ser humano?*

Muito antes dos pesquisadores e médicos modernos haverem atestado a importância da atividade física como condição necessária à conservação da saúde, já os antigos conheciam o lema: *Mens sana in corpore sano*, aliás na forma completa: *Orandum est ut sit mens sana in corpore sano* (Juvenal — *Satira-X*, cf. Paulo Rónai in *Não perca o seu latim* — ed. Nova Fronteira — 1980 — pág. 128).

Ora, modernamente estamos assistindo à proliferação das “academias” de ginástica, danças e artes marciais, enquanto nas ruas formigam os praticantes do *cooper* e do *jogging*. Nunca se praticou tanto exercício corporal!

Paralelamente os meios de comunicação nos contam, vezes sem conta, sobre atletas olímpicos que tomam ou tomaram anabolizantes, esportistas que se agridem mutuamente e/ou agridem os árbitros dos jogos, jogadores que se rebelam contra seus treinadores e, apesar disso, continuam “prestigiados”. Para introduzir um toque de amenidade, um famoso craque de futebol vulgarizou o lema da esportezza: “levar vantagem em tudo”.

Perguntamos:

— *Em vista de tantos exageros e desvios praticados pelos cultores da forma física, como desejar que os jovens saibam olhar o próprio corpo com uma visão equilibrada e respeitosa, sem adotar alguma atitude narcisista, sem resvalar para a indisciplina arrogante e agressiva.*

A sã doutrina ensina e o bom senso confirma que a sociedade (e principalmente a sociedade moderna) precisa do concerto das mais diversas profissões e habilidades. O convívio harmonioso das pessoas que constituem o matizado conjunto de um povo é a condição *sine qua non* para a reta, boa e feliz vida de *todas* essas pessoas.

Ora, na recente eleição presidencial vimos estarrecidos um sacerdote (!...) pôr à frente de sua igreja um *out-door* em que se lia a pergunta odiosa: “Você vai votar no patrão ou no empregado?”

Custa crer que alguém chamado para ensinar o sentido *completo* (frizamos: *completo*) da palavra Justiça tenha chegado ao ponto de inventar este absurdo, esta aberração moral qual seja: uma suposta e essencial inimizade entre pessoas com diferentes e *complementares* funções na sociedade humana. Perguntamos:

— *Como desejar que os jovens entendam o significado verdadeiro daquilo que se chama “religião” e suas correlatas e severas exigências de profundidade quando um pastor de almas se mostra com tamanho estultilóquio?*

Os que conhecem bem a história verídica da injustiçada Idade Média sabem que a universidade surgiu naquela época, como instituição destinada à procura da sabedoria. Sabem ainda que o método da ciência tem origem medieval, conforme o atesta a opinião insuspeita de Alfred Whi-

tehead em seu livro: *Science and the Modern World* (1925).

Assim, a universidade não foi criada para gerar mão-de-obra especializada nem para resolver imediatos problemas do cotidiano.

Ora, em muitos países “adiantados” os cursos universitários deixaram-se conduzir pela onda do pragmatismo. No Brasil, não fazemos exceção, sendo o problema agravado pela existência dos movimentos corporativos, pelas eleições para Reitor nas quais é manifesto o vírus do “democratismo” (injetado, aliás, por decreto), pelas pregações ideológicas etc.

Perguntamos:

— *Como desejar que os jovens aspirem à procura da sabedoria quando lhes é oferecido um ambiente escolar de preocupações exclusivamente telúricas, quando não mesquinhas?*

*Não vamos acrescentar novos flashes contemporâneos; o leitor sagaz poderá por si próprio achar outros exemplos que reforçam nosso ponto de vista de que é difícil para o jovem desta época encontrar na envoltória cultural fundas e seguras motivações para se afastar do mundo tenebroso e mortífero das drogas. O *environment* moderno causa em muitos moços a descrença e o tédio; a descrença e o tédio, por sua vez, conduzem à curiosidade perniciosas, este alçapão traiçoeiro que leva ao fosso escuro e pegajoso do vício.*

## CONCLUSÃO

Os observadores pragmáticos cos-

tumam ressaltar que os navios dos descobridores mostravam estampado em suas velas o símbolo de uma crença que prega o exercício de mil e uma virtudes, porém muitos dos marinheiros que manobravam aquelas naus traziam consigo uma bagagem de grandes vícios e maiores ambições. Ora, esta coordenação adversativa pode ser feita no sentido inverso, lembrando que a existência desta crença vem contribuindo de fato para que sejam tolhidas as piores e estimuladas as melhores inclinações do homem.

Além disso, o processo antigo a que nos referimos parágrafos acima é o antropocentrismo que no final do século quinze, ou seja: na época dos grandes descobrimentos marítimos, introduziu-se na cultura ocidental e desde então, para infelicidade nossa, só fez agigantar-se (no significado pejorativo deste verbo).

O observador pragmático deveria entender que o segredo da *eficácia* na luta contra as drogas está no reencontro dos antigos valores que serviam de sólido fundamento para as opções existenciais do homem.

O observador pragmático não acredita, por exemplo, na possibilidade de que uma nação rica e poderosa, capaz de colocar o homem na lua, venha a cometer erros seriíssimos nos terrenos da política e da educação. Ou, se acredita, não admite que isto seja matéria preocupante porque, segundo aquele observador, a Humanidade (...) tem um “progresso imanente...”



**Cel R/1 ROBERTO MISCOW FILHO** — Aspirante a Oficial de Infantaria (AMAN — 1953); Engenheiro de Comunicações (IME — 1962); Comunicações (EsAO — 1970); Mestre em Ciência. Engenharia Elétrica (IME — 1977). Serviu no 13º BC (Joinville — SC), na Academia Militar das Agulhas Negras, no Sv. Rádio do Ministério do Exército, no 2º Bti do 2º RJ (Rafah — Palestina, UNEF) e no Instituto Militar de Engenharia. Atualmente é Professor do IME.